

K W Y

Foi o René que teve a ideia de fazer
uma revista e ele é que lhe chamou
K W Y, as três letras que na altura não
faziam parte do alfabeto português.
Foi do princípio como uma carta aos
amigos.

em março de 1958 vamos para o Bd. Pasteur
 em maio sai o 1º KWY
 em agosto o nº 2
 em outubro o nº 3

ainda em 58 em novembro ou dezembro
 mudamo-nos, o René e eu, para a rue
 du Vieux Colombier, 21.
 para a rue des St. Pères a 1.4.1959

o nº 4 do KWY sai em maio de 59
 mas foi impresso em parte na rue du
 Vieux Colombier só que já havia a r. St. Pères
 em vista, onde, antes de irmos para Le'morax
 tivemos que fazer muitas obras no "quarto de ben me"
 (tirar limiteos do chão até aparecer a tijolaria hexagonal
 tirar sucessivas camadas de papel das paredes para
 as pintarmos de branco, etc.)

A serigrafia de Henri de Silva (do nº 4) foi impressa
 na rue V.C. pois que aqui é que se imprimiu todas
 as serigrafias de M. Helena, pequenas e grandes.
 A colaboração do Carpaleiro também é devido a que ele
 tivera habitado algum tempo na r.V.C. com nosso
 antes de encontrar casa. Idem o Escada.
 Assim como a colaboração de Guy Wedden que
 vimos muitas vezes por causa do trabalho e a M. Helena

Todo o trabalho de impressão era feito em casa, no quarto, pois que no Bd. Pasteur era só um quarto em casa da Família Simoneau. Tenho um desenho que o René fez na altura de "mês de impressão"! O quarto tão exiguo mas era em Paris! dormir, cozinhar, imprimir o KWy era nesse quarto e música fazíamos tudo. O René é que preparava as sêdas e imprimia, eu tratava das côtes, as misturas e punha as provas a secar.

No m' 1 o René é que escreve à mão o poema de Sol Acin e o texto do R. Huyghe; eu só o da contracapa, não havia trabalho de composição à parte.

À medida que se iam antecendo pessoas que se iam vendo as suas artes, pinturas de esculturas, manifestações ou lições onde de que gostávamos, convidávamos para colaborar no KWy. São antecimentos, amizades.

Por vezes acontecia que simpatizávamos muito com alguém mas o que essa pessoa fazia não nos dizia nada, éramos amigos mas não fudíamos colaboração. Aconteceu.

Conhecemos a Sol Aciri em casa da Dominique Lacarrière onde ela vivia numa altura e com quem tivemos um ótímo contacto.

Conhecemos a Dominique em Munique e quando lhe dissemos que tencionávamos ir para Paris deu-nos logo o seu endereço. Era actriz de teatro, tinha vivido em Nice, mostrou-nos um dia uma grande "caimlada" do Alman. Viveu algum tempo como Takis.

Antes de termos qualquer morada "fixa" em Paris, ela prometeu-nos a receber o nosso correio. Recordo-me: foi para casa dela que foi enviada a carta da Gulbenkian anunciando a minha bolsa (Abril 59).

O François Simoneau era o filho mais novo da Família Simoneau, vivia ainda em casa dos Pais no Bd. Pasteur, era ainda estudante, e escrevia.

O Helder Macedo, de Lisboa, Café Bêlo depois é que ele foi para Londres viver. Ainda somos muito muito amigos.

A Lucy Teixeira, brasileira, decerto que a conhecemos através do Carpalcio ou conhecia muito brasileiros ou pelo Helder Macedo.

A Michèle + Seestevens, conservadora no Musée Guimet, sabia chinês, colaborou também no n.º 12 - escreveu em caracteres chineses o texto sobre a morte do poeta Hi K'ang, postal da última página. Conheço-la através da Simone Vicault (referência no Kw 3) colega na escola do Louvre. Chegámos a ficar em casa da S. V. num hotel que a mãe tinha no bd. d'Alsia, quando se andava à procura de sítio.

Conhecemos o Herberto Helder ainda em Lisboa como o Helder Machado. Ele viveu algum tempo na Bélgica - lembro-me de ir a casa dele em Bruxelas - e tinha a Paris. Tivemos e temos muita amizade.

O Y. - A. França, o carpaleiro conhecido de Lisboa, como o Cristóvão Paria, o Nuno de Bragança (que escreveu um artigo quando partimos para Munique - que aqui envio juntamente, vale a pena!)

O Y. - A. França sempre acompanhou os jovens artistas, teve uma galeria em Lisboa (ou dirigiu) onde o René expôs, escreveu vários artigos sobre cada um de nós, sempre nos defendeu.

O Y.-A. França é quem nos deu a direção do Antônio Jacosta quando soube que íamos para Paris. O Antônio nunca participou no KWY porque naqueles anos não estava a pintar. Mas acompanhou-nos desde o primeiro dia e entusiasmou-nos sempre.

Quem nos apresentou à Maria Helena V. de S. e ao Arpad foi o Car galvão que lhes pediu para ficarmos no seu atelier no Bd. S. Jacques em Paris quando fomos a caminho da Alemanha. Não estavam nessa altura em Paris. Só os conhecemos pessoalmente mais tarde quando decidimos ir para Paris.

Quando abriam os 1^o concursos da Gulbenkian para bolsas de estudo tanto o René como eu fizemos logo um pedido, Kimham que, juntamente c/ curriculum, etc apresentar uma carta do futuro orientador, eu escolherei o Arpad. Foi o que aconteceu e foi tudo. Ajudaram-nos sempre muitíssimo depois, tratavam-nos como "leus enfants".

(6)

Nós fomos para Paris com uns dinheiros
duma exposição de trabalhos feitos em Munique
na Galeria Diário de Notícias, ao Chiado
que teve uma enorme aceitação. Já
hínhamos feito o pedido de bolsa mas
como nunca mais chegava resposta
abalámos pois que em Portugal não
hínhamos nem casa nem atelier.

Conhecemos o Christo através da Dominique
Lacavrière, em casa dela, rue de la Harpe
perto do Bd. S. Michel. Recém chegado
da checoslováquia onde se encontrava neste
altura, aproveitou o "prentemps de Praga"
para abalar logo para Paris, via áustria.
Quando nós conhecemos tinha chegado há
uma semana exactamente como nós de
Portugal. Jámos "ao mesmo"! Muita
simpatia, muitas crises em comum, dávamos
muito bem, ficámos muito muito amigos.
Naturalmente colaborou no RWY e ajudou
como membro muito activo! Tínhamos os
mesmos problemas naquela altura: sítio para
viver e trabalhar, dinheiro para subsistir.
Assim a nossa amizade desde o 1º encontro.

Millares: eu fora a Canárias em 1954 e conheci o irmão mais novo de Millares que vivia em Las Palmas e fazia parte dum grupo folclórico que um ano depois veio à Madeira. Estabeleceu-se um bom contacto quando soube que eu juntava, falei-me do irmão Manoel. Em Paris 1959 1ª exposição do Grupo El Paso no Museu das Artes Decorativas, conhecemos pessoalmente o Millares e o Salera, ficaram amigos.

o Luiz de Macedo era o adido cultural na embaixada de Portugal em Paris.

o Pedro Tamen creio que o conheci em Lisboa, grande amigo do Escada. Assim como o Antínio Almeida Batista.

o Jorge Martins também amigo do Escada foi para Paris, gostávamos logo muito do que ele fazia.

resposta à pergunta 10:

KWY 7, número organizado por LC, RB, Christo, Jan Voss, João Vieira, Escada, João Vidal e J. M. Simões. Capa e arranjo gráfico: Christo. contra capa: LC. editado em francês e português.